



Ibero-América em Democracia



A crise da democracia na América Latina: diagnóstico e tratamento

ESCRITO POR ROGELIO NÚÑEZ

A democracia está em crise no mundo e a América Latina não é exceção. Cientistas políticos, historiadores, políticos e jornalistas da região têm refletido sobre como encarar esse desafio em uma América Latina que é majoritariamente democrática, mas que está passando por processos de criação e consolidação de ditaduras e involução autoritária (Venezuela e Nicarágua), enfraquecimento das instituições democráticas (El Salvador) e assédio ao seu sistema de liberdades (Guatemala).

Nas páginas seguintes, apresentam-se as reflexões de diferentes autores sobre

essa crise. Para estas pessoas, a democracia, também na América Latina, está em crise e em retrocesso. Seguindo sua argumentação, essa “fadiga” democrática deve-se à ineficácia dos sistemas políticos e partidários em articular e canalizar as demandas cidadãos. Além disso, é causada pelo aumento da frustração social diante da ausência de perspectivas de melhoria pessoal e intergeracional, o que alimenta alternativas populistas que utilizam a polarização tóxica para ganhar as eleições e, depois, manter-se no poder perpetuando a tensão. Para finalizar, os autores recomendam tratamentos e estratégias para fortalecer a



institucionalidade democrática e combater o vírus iliberal que a enfraquece.

O diagnóstico

O diagnóstico revela que não só há uma crise de democracia na região, mas também que a deterioração democrática está se aprofundando.

Uma época de democracias fatigadas

Manuel Alcántara aponta que essa deterioração democrática já apresenta “sinais de perda de vigor ou, se preferir, sinais de fadiga. Hoje esse cenário se agravou e corre o risco de se transformar em astenia, que é o primeiro passo para uma situação de deterioração crônica”. Esses são os efeitos progressivos do “colapso da representação, do individualismo desenfreado, da desinformação em massa sem controle e da economia da atenção. Novos aspectos diante dos quais as instituições cunhadas em um formato funcional para outras épocas estão navegando sem rumo”.

José Joaquín Brunner alerta que “em ambos os extremos do espectro ideológico crescem forças iliberais e antidemocráticas em todo o mundo, ao mesmo tempo que aumenta o número de regimes populistas autoritários de direita e de esquerda, embora predominantemente os primeiros. Mais grave ainda, na maioria das vezes essas mudanças são desencadeadas pelo voto popular, que

parece estar se inclinando para posições de direita radical”.

Polarização, um míssil na linha d'água da convivência democrática

Essa fadiga da democracia se deve a múltiplos fatores, sendo o mais grave a polarização política, nascida do descontentamento popular e que acaba articulando a frustração social.

Flavia Freidenberg alerta para a polarização emocional e tóxica, pois “há lideranças que usam o confronto com os outros para conseguir poder e se manter... Para ganhar eleições, quem está comigo é muito bom e tem razão e, quem pensa diferente deve ser perseguido. E há uma desconfiança generalizada entre os cidadãos em relação à oposição, aos partidos políticos e às diferentes opções para chegar ao poder”.

“**Esta polarização não é conjuntural, mas vem se prolongando ao longo dos anos.**

Simón Pachano, analisando as eleições presidenciais equatorianas de fevereiro, aponta que “a polarização é o resultado da disputa que se arrasta há 17 longos anos entre o correísmo e o anticorreísmo... Um efeito da combinação



entre polarização e fragmentação é a concentração dos votos nas duas candidaturas que se situam nos extremos da clivagem”.

A polarização e o populismo se retroalimentam e minam a democracia

Esta situação facilita a ascensão de líderes carismáticos e populistas que, uma vez no poder, usam e pervertem as instituições democráticas para estabelecer governos autoritários baseados em um apelo permanente a um discurso dicotômico.

Sergio Berenztein percebe essa tentação bonapartista em Javier Milei. Ressalta que há “temores em relação a esse novo projeto hegemônico” que se baseia em «múltiplas arestas”. Uma delas é a suposta “batalha cultural” de longo prazo contra os valores “progressistas” e “globalistas”... No âmbito doméstico, isso se traduz em ataques constantes àqueles que pensam de forma diferente, especialmente jornalistas e economistas que questionam (por diferentes motivos) a consistência de suas políticas econômicas. Mais ainda, em alguns setores extremos do partido LLA (La Libertad Avanza), há um cheiro fascista».

Por outro lado, Marisa González de Oleaga assinala que “a deterioração democrática tem duas vias: a instrumentalização e o controle do judiciário e o uso da política de mídia para contaminar o debate público... a desinformação está agindo como um catalisador na erosão dos princípios e

práticas democráticas na América Latina, afetando a qualidade do debate público, a confiança nas instituições e a capacidade dos cidadãos de participar efetivamente dos processos democráticos”.



O crime organizado se alimenta da crise institucional e contribui para agravá-la.

Essa crise da institucionalidade democrática é uma janela de oportunidade para o crime organizado penetrar nas instituições. Alberto Vergara ressalta que “nem a democracia nem o Estado de direito são capazes de processar os conflitos de uma sociedade que está cada vez mais fora de controle. E o colapso da política é seguido por desordem e violência... a ausência de representação política facilita a expansão do crime e antecipa mais desordem... nem o Estado de direito nem a representação política apertam as rédeas da indústria da ilegalidade”.



Will Freeman analisa como “a influência criminosa na política local é menos catastrófica do que um narcoestado completo, mas isso faz com que seja muito fácil para os presidentes negligenciarem o problema... O poder local do crime corrói a democracia e o Estado de direito... Os eleitores muitas vezes não podem ter certeza de quem realmente estão elegendo, pois os candidatos podem ter patrocinadores criminosos ocultos”.

O tratamento

As democracias apresentam esses sintomas de doença, mas possuem os alicerces e as bases necessárias para encarar sua reconstrução.

O escudo das democracias, sua resiliência

Freidenberg destaca que a democracia “é um ser vivo. Se você tocar em uma pequena parte dela, como uma ameoba, ela tentará se estabelecer novamente. Pode haver um período de retrocessos significativos nas liberdades, no funcionamento dos partidos, das instituições, mas ela tem essa capacidade de regeneração, de resiliência.”

Freidenberg indica que “não nascemos democratas, nós nos tornamos”. Daí a importância da educação”.

Educar não só os cidadãos, mas também uma classe política que tem se afastado da sociedade e perdido a excelência. Manuel Alcántara alerta para esse duplo desgaste. O desgaste da liderança, porque “os tempos atuais de democracias enfraquecidas estão gerando momentos que, pouco a pouco, têm se inclinado para a formação de governos caracterizados pela baixa qualidade de seus membros”. E, em segundo lugar, o desgaste dos consensos que sustentam nossas democracias: os “fundamentos do grande consenso ocidental baseados nos valores do Iluminismo... estão sendo profundamente questionados”.

Apelo à criatividade e à inovação para modernizar as democracias

As forças democráticas são, portanto, chamadas a reformular e redesenhar os fundamentos da democracia e de sua institucionalidade para fortalecê-la. Roy Hora concentra esse desafio nas forças de esquerda, embora, na realidade, seja um desafio para todos os grupos democráticos. Ele ressalta que “a chegada de Milei à Casa Rosada, juntamente com a reformulação do campo político que o acompanha, traz enormes desafios conceituais e políticos... Como a elaboração de uma visão realista e moderna dos desafios



Uma resiliência que se exercita e se treina, por exemplo, investindo em capital humano, em cidadania.



que o país tem pela frente, mais capaz de conciliar crescimento econômico e desenvolvimento pessoal, igualdade e liberdade”.

Trata-se de apelar à criatividade política para construir regimes mais flexíveis, com capacidade de adaptação e resposta. Alcântara destaca que “a própria democracia tem seus mecanismos para enfrentar seus desafios. A submissão a regras aceitas pela coletividade, a eleição das autoridades, o equilíbrio de poderes são princípios que regem a convivência. Há também possibilidades de que a revolução digital seja uma via para facilitar o funcionamento de tudo isso e que a inteligência artificial seja utilizada, enquanto bem público, afastando-a do domínio das corporações”.

Por último, Alberto Vergara apela para a necessidade de o liberalismo se transformar e voltar à sua essência, a fim de nutrir e fortalecer a democracia a partir de uma visão progressista e socialmente orientada: “Esta é uma região que clama por uma agenda que leve a sério a construção de comunidades de cidadãos e cidadãs, de indivíduos, que

tenham doses semelhantes de liberdade; que tenham capacidades parecidas para escolher e planejar com algum grau de eficácia a vida que buscam para si mesmos... As fraquezas mais óbvias do liberalismo poderiam ser compensadas com a ajuda de um velho e esquecido aliado: o republicanismo.”

Referências

- ALCÁNTARA, M. (2025). Democracias fatigadas al borde de la astenia. El País.
- FREIDENBERG, F. (2024). La capacidad de resiliencia de las democracias: elecciones y política en contexto de pandemia. Instituto de Investigaciones Jurídicas.
- HORA, R. (2024). Javier Milei y el incierto experimento libertario. Nueva Sociedad.
- RAMOS, M. (2025). El estado (cambiante) de la democracia en América Latina: resistencia, deterioro y quiebra. En E. Rodríguez Pinzón & M. Ramos Rollón (Eds.), América Latina en un mundo perplejo: inseguridad, turbulencias económicas y democracias asediadas (pp. 43-58). Fundación Carolina.
- VERGARA, A. (2025). Una alianza para el progreso criminal. La República.

